

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ARTIGO DE CONCLUSÃO

INTERVENÇÃO DO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA
PRÁTICA DO *BULLYING*

ROBERTO CORRÊA CARVALHO

ORIENTADORA: MARIA CECÍLIA CAMARGO GÜNTHER

SANTA MARIA – RS

2013

A INTERVENÇÃO DO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PRÁTICA DO BULLYING

RESUMO

O presente artigo discute a forma como os docentes de Educação Física (EF) da rede municipal de ensino de Caçapava do Sul apreendem e enfrentam situações que se configuram como *bullying* no decorrer de suas aulas. A obtenção de informações se deu através de entrevistas semi-estruturadas com dez professores de quatro escolas, os quais trabalham com séries iniciais e finais do ensino fundamental. Ao concluir o trabalho identificou-se a necessidade de abordar a temática, não só do *bullying*, mas da violência de forma mais profunda dentro da escola. Proporcionar debates que envolvam o contexto da própria comunidade escolar, bem como trabalhar a conscientização de que o problema da violência escolar não deve ser abordado apenas pelos docentes, mas por todos os setores da escola.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir o resultado da pesquisa realizada com os docentes de Educação Física (EF) da rede municipal de ensino de Caçapava do Sul sobre a forma que os mesmos apreendem e enfrentam situações que se configuram como *bullying*.

Sabe-se que o fenômeno *bullying* não é nenhuma novidade dentro das instituições de ensino e que em todas elas existem os “valentões” (*bullies*) que, através das formas mais diversas exercem poder sobre os colegas que não se sentem fortes ou encorajados a se defenderem. Porém, segundo Fante (2005), a conscientização e a aceitação de que o *bullying* é um fenômeno presente em escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos e que deve ser encarada como fonte geradora de inúmeras outras formas de violência são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares. Para tanto, é necessário que a comunidade escolar obtenha conhecimento de como esse fenômeno se manifesta entre os alunos. Assim também será mais viável obter-se uma forma de intervenção desse tipo de situações violentas.

No caso da EF, a violência deflagrada no ambiente escolar não permite que as aulas sejam planejadas dando ênfase apenas para os conhecimentos específicos da EF, sem a devida atenção para as relações que se constituem ao longo das aulas. O professor

de EF deve estar comprometido com o ensino dos conhecimentos vinculados às diferentes práticas corporais como parte do processo formativo dos (as) escolares nos diferentes níveis de ensino. A tematização dos diferentes conteúdos que integram a EF incluem a dimensão atitudinal dos mesmos, a qual enfatiza aspectos relacionados aos valores sociais e culturais presentes em nossa sociedade.

O *bullying* apresenta formas de expressão variadas, nas quais os alunos praticam entre si, sendo autores, vítimas e testemunhas ou entre alunos e professores, como poderá ser visto ao longo do referencial teórico desse trabalho. Porém, a presente pesquisa abordou a forma com que o docente de EF trabalha com esse problema dentro das aulas, na tentativa de conscientizar os alunos das consequências trágicas que essa prática excludente pode acarretar sendo banalizada dentro das escolas.

METODOLOGIA

O estudo configura-se como exploratório e teve como objetivo uma aproximação ao fenômeno *bullying* de modo a fornecer elementos, a partir de uma realidade específica, para a sistematização de novos conhecimentos e orientar novos estudos que assegurem aprofundamentos sobre o tema (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa foi realizada em quatro escolas, na rede municipal de ensino de Caçapava do sul, através de entrevistas semi-estruturadas concedidas por dez professores de Educação Física (EF), os quais trabalham com séries iniciais e finais do ensino fundamental e possuem tempo de carreira no magistério variado, como ilustra o quadro abaixo:

TEMPO DE MAGISTÉRIO	NÚMERO DE PROFESSORES
0 – 10 anos	04
10 – 20 anos	03
Acima de 20 anos	03

Segundo Triviños (1987. 2001) e também Bogdan e Biklen (1994) a entrevista semi-estruturada deve apresentar um roteiro de questões básicas que pode ser acrescida de questionamentos mais específicos, de acordo com as possíveis contribuições de cada entrevistado em particular. Sua elaboração parte de elementos da fundamentação teórica associados a questionamentos em torno do fenômeno investigado.

Das quatro escolas visitadas para a coleta de dados, duas são de ensino fundamental completo, sendo que uma delas possui, ainda, turmas de EJA. As outras duas são de ensino fundamental incompleto.

As entrevistas foram concedidas com a permissão da Secretaria Municipal de Educação e das equipes diretivas das respectivas escolas. Nenhum professor se negou a colaborar com a pesquisa.

Os colaboradores foram devidamente esclarecidos de que poderiam desistir de sua participação na pesquisa em qualquer momento; mesmo depois da entrevista ter sido gravada e também tiveram acesso, cada um, a sua entrevista transcrita para que a mesma fosse aprovada para fins de uso nesse trabalho. Para tanto, cada professor(a)/colaborador(a), antes de conceder a sua entrevista, leu e assinou o Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido, estando cientes de que estavam participando do trabalho por livre e espontânea vontade. Não houve nenhuma desistência após as gravações e transcrições das entrevistas.

HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

Segundo Fante (2005), o *bullying* é um fenômeno mundial muito antigo que sempre existiu nas escolas. Apesar de os educadores terem consciência desse problema, poucos estudos sobre o tema foram realizados até a década de 1970. A partir do início dos anos 70 surgiu na Suécia, um grande interesse da sociedade pelos problemas acarretados através da prática do *bullying*, que logo se estendeu para outros países.

Na Noruega, no início da década de 80, ao ocorrer o suicídio de três crianças, ato que, com toda a probabilidade, foi motivado pelos maus-tratos a que essas crianças eram submetidas por seus pares na escola, causou grande repercussão na mídia, fazendo com que o Ministério da Educação da Noruega fizesse uma campanha nacional contra esse problema que atingia as escolas.

Fante (2005), também destaca Dan Olweus¹ (Universidade de Bengem – Noruega) como o pesquisador que desenvolveu os primeiros critérios para detectar a prática de *bullying* de forma específica, permitindo diferenciá-lo de incidentes de brincadeiras ou simples desentendimentos. O próprio Olweus destacou que as condutas

¹ Fante (2005) não especifica o ano em que Dan Olweus começou a pesquisar sobre bullying, mas contextualiza as pesquisas no início da década de 80.

bullying estão presentes, com relevância similar ou até superior ao que ocorre na Noruega, em diversos outros países.

No Brasil a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), dedicou-se a pesquisar o fenômeno *bullying* a partir de 2001, segundo Silva (2009). Nossa condição em relação a esse tema é de desvantagem, no que diz respeito ao envolvimento com o mesmo. Nas palavras de Fante (2005, p.46): “O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso”. Essa colocação é bastante alarmante tendo em vista o avanço dos trabalhos realizados em outros países.

Segundo Oliveira e Votre (2006), *bullying*, significa discriminação dos indivíduos por membros de seu grupo de convívio, apresentando vários graus de intensidade e causando a exclusão dos mesmos. Porém, deve-se ter cuidado para não deixar que esse fenômeno se banalize e entender qualquer atitude violenta como *bullynig*. Para que o ato de violência seja considerado *bullying*, deve acontecer de forma sistemática com a mesma pessoa e num mínimo de três vezes.

Ainda segundo a percepção de Oliveira e Votre (2006), o *bullying* é uma forma de violência que se manifesta através de palavras, gestos e ações; geralmente apresenta na linguagem gestual e verbal sua concretização mais comum, pois geralmente inicia com a “chacota” e humilhação verbal, acompanhada de ações que discriminam e atemorizam. Representa um perigo constante na família e, mais ainda, na escola. Sua ocorrência pode sugerir que todos os profissionais comprometidos com a educação dentro da escola estejam sempre alertas, pois, de forma geral, os *bullies* (valentões), costumam agir longe das autoridades da escola, ou seja, longe de professores, equipe diretiva, monitores e todos os profissionais que, teoricamente, poderiam defender as vítimas.

É um jogo de dominação que envolve relações de poder entre escolares e, dependendo da situação, envolve docentes praticando ou sendo vítimas dos alunos.

De forma geral o corpo é um dos instrumentos utilizados para que toda essa “engrenagem” possa ser colocada em funcionamento. Foucault expressa de forma bem clara a utilização dos corpos e da sutileza das exclusões:

O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta,

física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem de terror, e no entanto continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 2011, p.29).

No caso do *bullying*, o corpo em questão pode ser alvo no que tangem as agressões físicas realizadas pelos agressores (castigos), como pode também ser alvo de exclusões ou deboche por não pertencer a um padrão aceito nas aulas de EF. Por isso é necessário que se conheça formas de manifestação e a identificação dos atores envolvidos.

MANIFESTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS ENVOLVIDOS

Fante (2005), baseada em estudos realizados sobre o fenômeno *bullying*, apresenta a classificação para os envolvidos: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador. Vamos conhecer um pouco de cada uma delas:

Vítima típica – em geral trata-se de um indivíduo frágil e que não apresenta condições de reação aos ataques sofridos, mesmo que estes sejam recorrentes. Sua dificuldade em reagir costuma estar associada a uma fragilidade física, status social inferior ao grupo, e falta de habilidade em atividades esportivas. Outras características frequentes, algumas decorrentes do próprio processo, são postura passiva e insegura, depressiva, sentimento de ansiedade, podendo surgir dificuldades no processo de aprendizagem.

Vítima provocadora – aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência. Ela tenta responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente se mostra impotente; pode ser hiperativa, dispersiva e ofensora; de modo geral é “tola”, imatura, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

Vítima agressora – é aquele aluno que reproduz os maus tratos sofridos com alunos que sejam mais fracos que ele. Esse aluno, tendo passado por situações de sofrimento, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transferir os maus tratos sofridos, gerando uma reação em cadeia.

Agressor – é o *Bullie* (valentão) que vitimiza e exerce poder sobre os mais frágeis. Geralmente é vítima de uma condição de abandono ou poucos cuidados, vem de uma condição familiar na qual recebe poucos ou nenhum cuidado e afeto, que oferecem

comportamentos agressivos como exemplo de soluções de problemas. Os pais, responsáveis e professores têm dificuldade em se relacionar com o agressor. Pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos.

Testemunha (espectador) – é o aluno que presencia a prática do *bullying* nos diversos ambientes da escola, mas não participa nem como agressor e tão pouco como vítima. Adota a lei do silêncio por temer ser o novo alvo da agressão.

Quanto a manifestação do *bullying*, Teixeira (2010) coloca as formas como as agressões são dirigidas às vítimas. Essas são divididas em duas categorias:

- Bullying Direto – o agressor ataca a vítima de forma verbal, com xingamentos, intimidações ou com agressão física. É a forma mais clássica de manifestação e mais fácil de ser identificada.
- Bullying Indireto – se manifesta através de atos velados, em que a vítima é atacada de forma subliminar. Nesse caso a manifestação do *bullying* se dá através de difamação, isolamento ou exclusão.

A segunda forma de manifestação é a mais difícil de ser identificada e problematizada dentro das aulas, pois se dá de forma velada onde muitas vezes os alunos usam apenas o olhar para realizar as ameaças. O *bullying* indireto tem relação com o que Bourdieu (1999, p. 46) chama de “violência simbólica”. Ele afirma que: “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as vistas como naturais”. É um jogo de poder que ocorre com muita sutileza e igual eficiência no que diz respeito ao objetivo dos que exercem domínio sobre seus pares.

A classificação apresentada por Fante (2005) vem sendo tomada como referência para estudos sobre o tema, mas talvez seja pertinente considerar-se de que tratam-se de papéis exercidos por diferentes envolvidos na situação e que, embora apresentem traços característicos e algumas tendências, não devem ser tomados como definidores ou traços de personalidade, de modo determinista e definitivo.

EDUCAÇÃO FÍSICA E *BULLYING* NA ESCOLA

As aulas de EF podem, muitas vezes, revelar como o *bullying* se manifesta, pois no momento das atividades físicas e jogos é que os alunos demonstram, através de atitudes e palavras, como se relacionam.

O primeiro passo para Botelho e Souza (2007) é saber em que categoria os escolares envolvidos se enquadram: se vítimas, agressores, vítima provocadora ou vítima agressora. Oliveira e Votre (2006) destacam em sua pesquisa sobre *bullying* na EF, o fator da discriminação de gêneros entre alunos de 10 e 11 anos e por que ocorrem as exclusões nessa faixa etária. De forma geral os alunos (as) considerados pelos seus pares como sendo mais frágeis e sem habilidades, são eliminados dos jogos, o que deflagra discriminação que se manifesta silenciosamente, pois os alunos que não se enquadram nos padrões ditados pelos ditos “craques”, muitas vezes ficam de fora e não questionam as regras impostas. É nesse momento que o professor de EF deve agir. Dialogar com os alunos, com o objetivo de que esses percebam que todos têm o direito de participar das aulas e aprender juntos através de jogos propostos pelo professor que contemplem valores levados para a vida adulta pode ser uma alternativa eficiente e deve ser acompanhada de práticas que propiciem o exercício do convívio com a diversidade e a construção da alteridade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Educação Física ressaltam a importância do trabalho realizado através do jogo dentro das aulas:

Nos jogos, ao interagirem com os adversários, os alunos podem desenvolver o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não violenta. Confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permitem a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça (e de injustiça). Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. Em relação à postura diante do adversário podem-se desenvolver atitudes de solidariedade e dignidade, nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado. (PCN, 1997, pg. 25)

Para Teixeira (2010), o esporte pode ser um grande fator de inclusão entre os alunos e o papel do professor de EF será de fundamental importância para que a inclusão de todos seja viável. Afirma também, que no decorrer das aulas as crianças e adolescentes terão a possibilidade de desenvolver conceitos que vão levar para a vida adulta como: disciplina, amizade, ética, respeito, confiança e equilíbrio emocional. O autor resalta que para se conseguir trabalhar esses valores será necessária a presença de um professor capacitado, que consiga trabalhar com as diferenças dos estudantes. Esse professor deve conceber a sua aula como um momento de aprendizagem através das atividades propostas, e não um momento de selecionar os melhores para jogar deixando

os menos habilidosos de fora. Afinal, nem todos possuem habilidades ou gostam das atividades que envolvam esportes e, fundamentalmente, a escola é lugar do trato com o conhecimento e não de preparação ou seleção de talentos esportivos.

Baseado nesses valores, o docente não pode permitir que atitudes excludentes e humilhantes façam parte da rotina escolar sem que se trabalhe de forma crítica com os alunos, utilizando, inclusive, a legislação² que abrange esse tema.

Ao tomar conhecimento do que se trata e como se manifesta o fenômeno *bullying*, através do referencial teórico, podemos passar para a análise e discussões sobre a coleta de dados realizadas nas escolas do município de Caçapava do Sul.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

(DES) CONHECIMENTO SOBRE *BULLYING*

Ao entrevistar os professores de EF nas escolas da rede municipal de ensino de Caçapava do Sul, achei pertinente para realizar a análise das entrevistas, saber o quanto os colaboradores conheciam e como buscavam informações sobre o fenômeno *bullying* e suas formas de manifestação.

Um fator que chamou atenção ao realizar tal análise é a predominância da tentativa de conceituar o *bullying* muito semelhante a expressões e jargões oriundos dos veículos midiáticos na fala dos colaboradores (as). Pois a maioria manifesta que o conhecimento que possuem sobre esse fenômeno é obtido através da mídia, principalmente pela televisão, através de coberturas de telejornais, em casos extremos que ganham maior repercussão, ou na internet. Poucos professores afirmaram buscar informações através de revistas especializadas, mesmo que na temática educativa, ou em livros, filmes e documentários. Também não foi relatado que o assunto já tenha sido abordado em reuniões pedagógicas dentro da escola. Alguns afirmaram que trocam informações sobre o *bullying* através de conversas com seus pares.

Ainda que de forma bastante superficial, alguns colaboradores conseguem explicar sobre o fenômeno *bullying*, colocando a forma direta de manifestação e associando às suas consequências, a exemplo do que coloca a professora (Diva):

² Lei Estadual nº 13.474, de junho de 2010, que dispõe sobre o combate à prática do *bullying*.

“Eu sei que bullying é qualquer tipo de agressão, tanto verbal quanto física, né. Que pode causar transtornos e até déficit de aprendizagem. Ah... E... Até coisas mais absurdas assim, como suicídio.”

O fato de que as atitudes agressivas e intencionais, físicas e verbais, causando dor e angústia, sejam realizadas com frequência entre um aluno ou mais exercendo um jogo de poder, que é o que, de modo geral, caracteriza a prática do *bullying* (FANTE, 2005) não foi relatado por nenhum dos docentes. Eles afirmam que existem os jogos de disputa verbal e conflitos que chegam até a agressão física. Porém, na tentativa de conceituar o que é *bullying*, os professores não citam o fato de que esses conflitos ocorrem rotineiramente, sempre existindo a “lei do mais forte”, onde um aluno ou mais exerce poder através de ameaças, apelidos, agressões físicas, verbais ou exclusões sobre um colega considerado mais fraco ou fora dos padrões desejados por aquele grupo. Nesse ponto é que a atenção deve ser redobrada por parte dos docentes no decorrer das aulas, e o conhecimento sobre o *bullying* se torna necessário, visto que as formas de manifestação desse fenômeno são variadas.

As falas de alguns professores identificam as formas de manifestação direta do *bullying* sem dificuldades, principalmente quando as agressões são de natureza verbais, físicas e intimidações ou apelidos. No entanto, a manifestação do *bullying* que ocorre através de difamações, isolamentos ou exclusões de forma sutil, que é o *bullying* indireto, e segundo Fante (2005), essa forma pode ser a que mais acarrete consequências negativas para as vítimas, raramente foram relatados pelos colaboradores.

A predominância de relatos de situações que se configuram como *bullying*, em sua maioria, se enquadram na forma de manifestação direta. Poucos foram os professores que se reportaram à forma de manifestação indireta. Um caso relatado que se enquadra na forma indireta de manifestação do *bullying* foi feito pela professora (Diva):

“O único caso que eu presenciei na escola foi... Duma... Tipo, exclusão, sabe? De uma aluna. Todas tinham levado bonequinhas, pinturas... E essa aluna não tinha levado. Não tinha esses brinquedos. Então, ela foi excluída do grupo de colegas. E isso não foi numa aula só. Isso foi uns quantos dias que aconteceu. Aí, eu cheguei, conversei com a diretora da escola, com a supervisão, que foi e conversou com

todas elas e o problema foi resolvido. E agora tá controlado esse problema.”

Entre os demais professores, alguns chegam a abordar essa questão que diz respeito ao *bullying* indireto, porém não com tanta profundidade, dando mais importância para as agressões físicas e verbais. Em alguns casos chegam a encarar como uma brincadeira ou de forma tão sutil que nem se considera que seja *bullying*. No entanto Bourdieu (1999), ao se reportar sobre a violência simbólica afirma que: “A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física”. No caso do *bullying* é uma forma de manifestação indireta, quase imperceptível, onde o agressor “lembra” a vítima, através de gestos ou olhares, quem domina a situação. Instala-se uma situação de “jogo de poder”, na qual as palavras de ameaças e agressões físicas já não são necessárias, pois cada um já sabe seu papel nesse jogo de “poder x submissão”. Existe uma incorporação dos papéis de forma sutil.

É por esses motivos que os professores não podem estar atentos apenas aos conflitos, jogos de disputa verbal ou apelidos pejorativos. Dispensar atenção especial aos gestos e atitudes dos alunos no decorrer das aulas é fundamental, inclusive para que se tenha ideia de como abordar o tema em aula.

É fato que nos tempos atuais os docentes têm acúmulo de tarefas e uma indefinição sobre o papel da escola e do professor que gera uma intensificação do trabalho, uma sobrecarga emocional que, no entanto, não pode ser motivo para que a questão da violência não seja abordada e enfrentada. Por isso é muito importante que se tenha conhecimento e, principalmente, que esses docentes se sintam preparados para lidar com situações violentas dentro das aulas. É o tema que será abordado a seguir para que possamos dar continuidade à discussão.

(DES) PREPARO DOS PROFESSORES

Em grande parte dos professores entrevistados o despreparo é flagrante, através de suas falas os colaboradores reconhecem que há dificuldade para intervir nas situações que se configuram como *bullying* durante as aulas, bem como outros tipos de situações violentas. Eles manifestam desconforto em relação a não se sentirem preparados para agir tanto para intervir quanto para prevenir casos de violência no decorrer das aulas. Alguns apontam a insegurança e o medo de cometer injustiça como fatores

determinantes para que sejam geradas dificuldades em lidar com essa situação. Outros afirmam que a falta de preparo para encarar esse tipo de situação desafiadora já vem desde a formação como colocou o professor (Gustavo):

“Acho que a nossa formação acaba ficando muito teórica e na realidade é muito diferente. Quando tu tá dentro, no meio, é muito complicado. Não me sinto preparado, embora a gente tenha que agir.”

Uma das questões que despertou mais curiosidade durante a coleta de dados foi se havia alguma forma de diálogo sobre o assunto, havendo casos de *bullying* ou não durante as aulas. Em sua maioria os professores entrevistados não se reportam ao fato de estabelecerem diálogo sobre a problemática do *bullying* com os alunos. Alguns até relatam uma certa dificuldade em se aproximar do aluno e estabelecer diálogo. E mesmo os professores que realizam uma tentativa de dialogar, sofrem com a falta de abertura dos alunos para que uma conversa seja estabelecida. A fala da professora (Ana) demonstra essa dificuldade por parte dos docentes no momento em que foi questionada sobre como proceder em situações que se configurem como *bullying* durante as aulas:

“Tentamos contornar através do diálogo. O que nem sempre funciona, porque na frente é uma coisa, quando eles viram é outra, né... Tentamos conscientizá-los que não é dessa maneira que se resolve nada, mas é... Ainda é muito difícil.”

Embora o caminho do diálogo seja difícil pelo fato de que o resultado positivo através do respeito entre os alunos seja árduo, muitas vezes até por motivos culturais do meio violento em que vivem, ainda pode ser uma das melhores formas de intervenção e prevenção frente à prática do *bullying* e de outras formas de violência ocorridas nas instituições de ensino.

No entanto, a ausência de diálogo na fala dos colaboradores dessa pesquisa não é unanimidade. Mesmo com tentativas frustradas, alguns dos professores chegaram a relatar tentativas de estabelecer uma conversa com os alunos a respeito de ameaças, provocações ou agressões físicas. É o que revela a professora (Bárbara) em sua fala:

“Numa turma de quarto ano tem um menino que parece que ele é o alvo dos outros. Ele é gordinho. Parece que ele é o saco de pancadas, que nem eu disse para o aluno. Aí, eu peguei e chamei os dois. Chamei

o 'João' e o 'Pedro' e disse para eles: - Olha, vocês têm que parar! Porque às vezes ele tá quieto e vocês tão sempre 'intecendo' com ele. Ele tá lá no canto dele e ele não é saco de pancada de vocês. Eu digo para eles. Deu uma melhorada, mas eu vejo muito isso."

Segundo Silva (2010), o estímulo ao diálogo é uma das “ferramentas” que os adultos devem utilizar para evitar consequências mais dramáticas na difícil fase de transição para a vida adulta. Afinal, crianças e adolescentes habituados a exercerem poder sobre os seus pares na escola, inevitavelmente serão adultos problemáticos em suas convivências pessoais e profissionais. Porém, a tarefa de conscientizar o aluno em relação ao respeito na convivência com seus pares e os professores não pode ficar apenas a cargo do professor de EF ou dos demais componentes do corpo docente. É necessário que se estabeleça uma unidade nas escolas, onde professores, equipe diretiva e os pais também participem da mesma fala.

Para Fante (2012), as escolas devem implantar programas *antibullying* com estratégias de intervenção e prevenção, com a participação de toda a comunidade escolar, bem como inserir esse tema em seus projetos pedagógicos. Dessa forma abordar o tema dentro das aulas não seria um fato isolado, mas faria parte do decorrer do ano letivo junto com os demais conteúdos programáticos trabalhados não só na EF, mas em outras disciplinas. Palestras, leituras em grupo, discussões sobre o tema também se apresentam como forma de gerar um conhecimento mais aprofundado, auxiliando a todos sobre como agir e abordar o tema entre os alunos.

Um dos aspectos para que os professores estejam preparados para lidar com situações como o *bullying* de forma segura é que se perceba a diferença entre resolver problemas momentâneos, como separar brigas e intervir estabelecendo um processo educativo mais prolongado de mudança de comportamento e de atitudes em relação aos pares. Dessa forma é possível de obter uma visão mais ampla do problema como um todo, não sacrificando apenas o professor de EF com a tarefa de resolver conflitos entre escolares.

EDUCAÇÃO FÍSICA E BULYING

Um dos questionamentos feitos aos colaboradores na coleta de dados para a realização dessa pesquisa foi se eles acreditavam que, através das aulas de EF se possa

trabalhar para amenizar situações violentas como o *bullying* dentro das escolas e como fazer uso da EF para realizar essa tarefa.

Todos os colaboradores responderam de forma positiva ao fato de a EF ser uma ferramenta utilizada no combate à práticas violentas dentro das escolas como o *bullying*. Porém, para que essa questão levantada sobre a EF não se tornasse muito repetitiva, também foi questionado de que forma essa disciplina ajudaria na intervenção da prática do *bullying*. Visto que as aulas acontecem em espaço diferenciado, no qual há uma condição de “exposição” maior que propicia interrelações mais intensas do ponto de vista de proximidade, pois os corpos estão em movimento.

Não saber realizar práticas corporais valorizadas socialmente podem gerar situações de deboche, desvalorização e exclusão através de formas sutis de isolamento dentro do próprio jogo, o que também se enquadra na “violência simbólica”, pois não existe uma agressão física nem verbal exposta, oficializada. No entanto, para o aluno que está sendo excluído do jogo a situação de impotência é a mesma de estar sofrendo uma agressão física.

Esse tipo de situação pode ocorrer a partir do momento em que há uma naturalização e exacerbação da competição no decorrer das aulas e os objetivos da EF passam a ser pura e simplesmente para atingir resultados positivos em jogos escolares e competições afins.

A fala do professor (Fabio) expressa muito bem as questões dos jogos e da inclusão dentro da EF:

“Acredito, claro, que as manifestações do jogo despertam nas pessoas a sua personalidade. Ela mostra através do jogo toda a sua personalidade, através das brincadeiras. Se ela tá se sentindo rejeitada, muitas vezes ela não quer participar das atividades exatamente porque é num grupo grande, né. Então eu acredito que a EF contribui significativamente desde que a gente sempre tenha o cuidado. Incluir todos nas atividades de alguma forma. Se a criança não quer participar a gente usa outra forma, tentando, conquistando essa criança pra gente trabalhar junto com ela.”

A fala emitida pelo professor entrevistado é muito importante, porém além da tentativa da inclusão dessa criança que já não se sente motivada para participar das atividades propostas em aula, é importante problematizar essa situação dentro das aulas,

levantar questionamentos sobre a exclusão e trabalhar as diferenças para que de forma positiva os alunos passem a entender que a competição oriunda do esporte dentro da EF deve ser uma fonte de aprendizados positivos e não um fator de exposição de mais fortes e habilidosos x mais fracos e inábeis.

No entanto, tudo isso depende da postura e de como esse professor está preparado para encarar essas situações em suas aulas. O professor (Carlos), ao se reportar sobre a forma como a EF poderia auxiliar no combate ao *bullying* dentro da escola, afirma o seguinte:

“Eu acho que a gente tem como intervir. Tem como fazer um trabalho bom. Só que eu acho que a gente tem que tá bem preparado pra isso. Mas tem como fazer um trabalho bom pra melhorar essas situações aí, com certeza; e ajudar no desenvolvimento e na formação do aluno. Com certeza, com as aulas de EF, muita coisa a gente pode fazer. Só que a gente tem que tá bem embasado, que pesquisar um pouco mais sobre o assunto pra poder ter um amparo teórico, pra poder usar na prática.”

Como o próprio professor/colaborador colocou em sua fala, bem como já foi abordado anteriormente nesse trabalho, o conhecimento sobre o assunto é muito importante para que se possa tentar qualquer tipo de ação em relação ao *bullying* durante as aulas de EF. Assim as aulas podem ser um espaço de problematização de situações cotidianas e que permitam buscar alternativas e formas de conviver com as diferenças, proporcionando a todos o direito de aprender.

Conhecer as formas de manifestação do *bullying* também não pode ser apenas da alçada do professor de EF. A incumbência de resolver todas as situações violentas da escola não pode ser apenas do professor de EF. Essa tarefa será cumprida a partir do momento em que houver uma unidade que envolva toda a comunidade escolar, na qual todos desempenhem seu papel de forma que essas questões possam ser resolvidas de modo coletivo e que assegure os melhores resultados possíveis. Por outro lado, no que tange a competência do docente de EF, é importante que esse profissional, por executar uma aula dinâmica, culturalmente realizada através de jogos, precisa ser hábil no sentido de saber o momento de fazer reflexões junto dos alunos sobre o relacionamento dos mesmos durante as aulas. Quando isso não acontece, ocorrem apenas intervenções localizadas e pontuais, visando resolver situações emergenciais (apenas apartar brigas).

A partir daí, a aula de EF começa a se descaracterizar e dependendo das situações e da realidade escolar, passam a se tornar um campo fértil para a ação dos “*bullies*”, como nas horas de recreio, entrada e saída da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o presente trabalho de pesquisa, o qual se reportou á forma como os docentes de EF lidam com o fenômeno *bullying* no cotidiano escolar, identificou-se a necessidade de abordar esse tema de forma mais profunda dentro da escola.

No decorrer das entrevistas realizadas, notou-se que grande parte dos colaboradores revelou certa dificuldade e desconforto ao se depararem com situações como o *bullying* dentro das aulas, alguns demonstraram bastante interesse em conhecer mais sobre o assunto.

Para que essa temática seja abordada de forma clara e possa chegar aos alunos, é necessário que os docentes obtenham conhecimento a fim de que o trabalho de conscientização dentro das aulas possa ser realizado com êxito. Afinal, as informações e notícias sobre eventos catastróficos dentro das escolas se tornam cada vez mais freqüentes, gerando situações de medo e ansiedade que tendem a crescer diante das abordagens midiáticas que espetacularizam tais acontecimentos. Diante desse quadro pode ocorrer, muitas vezes, dos próprios alunos questionarem os professores sobre o tema, com a expectativa de sanar suas dúvidas.

No entanto, para que a discussão sobre o *bullying* chegue até as salas de aula, é inevitável que professores, equipe diretiva e pais abordem a questão da violência na escola através de reuniões pedagógicas, reuniões com os pais, inclusive com os funcionários da escola. O conhecimento sobre o mecanismo do fenômeno *bullyin* deve chegar a todos os setores da escola para que essa realidade se transforme. Bem como, escutar de forma atenta e sensível os alunos, pois esses podem contribuir muito para que os adultos saibam o que está se passando dentro da própria escola.

Outro aspecto importante no combate à violência escolar é a intervenção da Secretaria de Educação, ofertando palestras, mesas redondas com profissionais gabaritados para tratar do tema junto dos professores. Porém, essas ações não podem ser realizadas de modo isolado, pois sem um conhecimento do contexto da própria comunidade escolar podem tornar-se inócuas por não dialogarem com os principais interessados e desconsiderarem suas necessidades e questionamentos sobre o tema.

No caso dos professores de EF, esses podem colaborar de forma muito positiva para que situações violentas como o *bullying* não se tornem frequentes ou até nos casos de intervenção. Ao se trabalhar o corpo/com o corpo nas aulas, é possível propiciar a conscientização sobre a diversidade e a riqueza que constitui as diferenças dentro do grupo. O exercício da alteridade pode ser vivenciado através das diferentes práticas corporais nas quais todos possam conhecer melhor suas próprias capacidades e dos companheiros(as) e ser capaz de conviver com isso como parte da nossa humanidade.

É importante salientar que a necessidade de toda a informação possível sobre *bullying* e demais formas de violência não significa que seja necessário exercer um controle demasiado sobre os alunos. É mais importante que se trabalhe através do despertar do senso crítico, conscientizando-os de que conflitos e divergências fazem parte da vida de todos, mas que se possa chegar a conclusões construtivas através desses, não permitindo que se banalize o exercício de domínio de uns sobre os outros.

BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, R. G. SOUZA, J. M. C. *Bullying e Educação Física: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção*. Disponível em: <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/2007.4/139_rv03.pdf> Acesso em: 08/07/2011.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C. **O Que a Escola deve Saber e Fazer para Deter o Bullying**. Revista Pátio Ensino Médio. Ano 4, nº14, set/Nov 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir – História da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OLIVEIRA F. F, VOTRE, S. J. **Bullying nas aulas de Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SILVA, A. M. B. **Bullying – Mentis perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, G. **Manual Antibullying – para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa nas Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.